

## O SISTRO ÁPULO NA CERÂMICA DA APÚLIA

EDUARDO CHRISTMANN<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dudu\_sls@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida no projeto no qual sou colaborador como bolsista CNPq-PIBIC, “Representações iconográficas de instrumentos musicais na pintura dos vasos áculos: relações interculturais greco-indígenas na Magna Grécia (século V e IV a.C.)”, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Concerne os vasos de cerâmica produzidos na Magna Grécia, sobretudo na região da Apúlia, sul da Itália, área de colonização grega, entre os séculos V e IV a.C., nas técnicas de figuras vermelhas e “de Gnathia” e nos quais está representado o “sistro áculo” ou “xilofone”, que recebe ainda outros nomes de acordo com diferentes pesquisadores da área.

Recorreu-se à bibliografia sobre o tema, abarcando os diferentes pontos de vista dos diferentes autores, bem como a evolução dos estudos acerca do instrumento.

O movimento de colonização grega do Mediterrâneo, tema de diversos autores, foi um processo que se estendeu por enorme período de tempo (aproximadamente quatro séculos) e extensão geográfica, apresentando particularidades de acordo com época e local. Suas origens são geralmente ligadas à escassez de terras e pressão demográfica na Grécia “metropolitana”, busca de recursos metalíferos, interesses comerciais ou problemas políticos, sendo um ou outro motivo mais preponderante em alguns casos do que em outros. (LOZANO, 1988; GRECO, 1996).

Como as primeiras colônias gregas na Magna Grécia são apontadas Piteusa e Cumas (na costa oeste da atual Itália), fundadas nas últimas décadas do século VIII a.C. No contexto da Apúlia, porém, o foco é sempre Tarento, que, fundada em 706 por colonos espartanos, adquiriu posteriormente preeminência regional graças à sua prosperidade econômica, a qual, por sua vez, está ligada a uma grande pujança cultural e artística, cujos produtos (na cerâmica e em outros suportes) eram exportados para várias cidades, bem como para fora da Apúlia. (LOZANO, 1988; GRECO, 1996).

A produção de vasos de figuras vermelhas se iniciou na costa jônica (em Metaponto, conforme as pesquisas mais recentes) em torno do último quarto do século V a.C., imitando, em sua fase inicial, as importações áticas, mas convertendo-se posteriormente em vetor privilegiado das expressões culturais da sua sociedade, marcada por sincretismos e originalidades. Associada e talvez uma alternativa a ela, houve a produção de vasos no estilo dito “de Gnathia”, observável desde pelo menos 360-340 a.C. (DE JULIIS, 2000).

O sistro áculo é um instrumento que tem gerado debates entre os estudiosos e permite diversas perspectivas interpretativas. Em suas representações possui desde diferenças organológicas ou físicas até diferenças contextuais ou “de cena”, que apontam para usos ou simbologias diversos. Não há consenso entre os pesquisadores sobre seu funcionamento, nomenclatura ou significado. Em outros suportes (que não o vascular) suas aparições são mais

raras, mas ocorrem também em discos votivos e em pelo menos um altar de terracota. (KEULS, 1979; SALAPATA, 2001).

O repertório de cenas inclui representações do *naiskos* (edifício funerário) ou da estela funerária, cenas de visitação ao túmulo e outras similares, bem como cenas de preparação para o casamento ou então as do *gineceu* (espaço da casa reservado às mulheres) além das de contexto erótico. As interpretações mais aceitas o associam às divindades Afrodite (e Eros) e Dioniso e seus respectivos cultos, talvez um sincretismo entre ambas, e indicam um significado erótico-escatológico associado à realização amorosa no além-túmulo. (KEULS, 1979; SCHNEIDER-HERMANN, 1976).

Este campo de estudos permanece, portanto, aberto. A presente pesquisa tem por finalidade montar um catálogo temático que alimente, a partir da totalidade ou quase totalidade das aparições do instrumento, interpretações sobre ele.

## 2. METODOLOGIA

Recorreu-se à bibliografia existente sobre os temas envolvidos, tais como colonização grega, cerâmica (produção, cronologias, estilos, etc.) e instrumentos musicais na Antiguidade, contemplando as diferentes perspectivas dos autores e a evolução dos estudos e da historiografia acerca do sistro ápulo.

Elaborou-se, também, um inventário de imagens de vasos nos quais aparece representado o referido instrumento, composto de fotografias retiradas de livros e textos da área, do acervo pessoal do professor orientador ou, em alguns casos, de coleções *online* de instituições.

Neste inventário coletaram-se as informações de forma do vaso, local de conservação (cidade e instituição), número de inventário (na instituição de guarda), centro de produção, proveniência (local de achado), técnica de produção, atribuição (de pintor ou produtor), cronologia e descrição iconográfica ou “da cena”.

Futuramente, será realizada uma tematização dos vasos e cenas inventariados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inventário de imagens conta, no presente momento, com 203 (duzentos e três) exemplares; destes, a grande maioria é de produção ápula da técnica de figuras vermelhas; em seguida vêm os vasos do estilo “de Gnathia” e, em menor número, aqueles, também de figuras vermelhas, produzidos na região vizinha, a Campânia. Os dados acima elencados não foram coletados na sua totalidade para todos os vasos, havendo ainda lacunas a serem preenchidas.

## 4. CONCLUSÕES

A profusão de aparições do sistro ápulo parece indicar que o instrumento teve grande importância para a cultura ápula e talvez magnogreca, considerando-se a sua presença também na Campânia. Entretanto, trata-se de um campo de estudos que permanece aberto a discussões e novas abordagens, para as quais a construção de um catálogo temático seria uma importante contribuição.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE JULIIS, E. M. **Città della Magna Grecia: Taranto.** Bari: Edipuglia, 2000.
- GRECO, E. **La Grande-Grèce: histoire et archéologie.** Paris: Hachette, 1996.
- KEULS, E. The Apulian “Xylophone”: a mysterious musical instrument identified. **American Journal of Archaeology**, Minneapolis, v. 83, n. 4, p. 476-477, 1979.
- LOZANO, A. **La colonización griega.** Madrid: Akal, 1988.
- SALAPATA, G. Triphiletos Adonis: An Exceptional Pair of Terra-Cotta Arulae from South Italy. **Studia Varia from the Paul Getty Museum**, Los Angeles, v. 2, n. 10, p. 25-50, 2001.
- SCHNEIDER-HERRMANN, G. Das Xylophon in der Vasenmalerei Süd-Italiens. **Festoen**, Groningen, 1976.